

# Batismo e Entrada no Reino

Rev. Ronald Hanko

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Uma passagem freqüentemente usada por aqueles que praticam o batismo infantil como prova do que crêm é Marcos 10:13-16, que descreve Jesus abençoando os pequeninos. Aqueles que sustentam o assim chamado “batismo dos crentes” consideram o uso dessa passagem embaraçosa, visto que não fala de batismo de forma alguma.

Todavia, Marcos 10 é um texto prova que *pode* ser usado para apoiar o batismo infantil. Isso é verdade por várias razões, mas devemos observar desde o início que essas crianças eram de fato *infantes* (Lucas 18:15, KJV).<sup>2</sup>

Primeiro, os infantes nessa passagem foram recebidos por Jesus, que também as tomou em seus braços e as abençoou. Ser recebido nos braços de Jesus e abençoado é nada menos que a própria salvação. Que esses infantes foram salvos por Jesus é evidente a partir dos versículos 14 e 15, onde ele fala deles recebendo o reino.

Dessa salvação e recepção do reino, o batismo é uma *figura* ou *sinal*, que nos mostra como entramos no reino. O argumento, então, é esse: Se esses infantes podem receber a *realidade* para a qual o batismo aponta, por que não podem receber o *sinal*? Colocando de forma diferente: Se eles podem receber a coisa maior, por que não a menor? Cremos que, visto que podem e recebem a realidade, eles *devem* também receber o sinal. A salvação é prometida a eles, bem como aos adultos no pacto da graça.

Segundo, Jesus nos diz no versículo 15 que ninguém recebe o reino, exceto na forma que um infante o recebe, isto é, passivamente, sem conhecimento e pelo poder da graça somente. Receber o reino como um pequenino, portanto, é recebê-lo sem obras – sem qualquer esforço da nossa parte. Essa é a única forma que um infante *pode* receber o reino.

Na verdade, essa é a única forma que *qualquer um* pode receber o reino. Inicialmente, quando a salvação chega, não estamos procurando nem a desejando. Estamos, afinal, mortos em delitos e pecados, e é somente quando Deus graciosamente nos *dá* a salvação e o reino, ao nos regenerar, que também começamos a buscar e conhecer o que ele fez. Portanto, Jesus nos diz que há somente uma forma de receber o reino – como uma criança pequena. Se não o recebemos dessa forma, não recebemos de forma alguma.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em novembro/2007.

<sup>2</sup> Lemos na ARA e ARC simplesmente *crianças*, mas o termo grego é *brepheos*, que segundo o Léxico Grego de Strong significa: 1) criança não nascida, embrião, feto; 2) criança recém-nascida, infante, bebê. (N. do T.)

Nisto reside outra razão para batizar os infantes. Não dizemos que cada infante batizado está necessariamente salvo, mas vemos no batismo de cada infante uma figura de como a salvação é possível para um infante segundo a promessa do pacto de Deus, a saber, pelo poder da graça soberana.

De fato, em cada infante batizado temos uma figura de como qualquer e cada um de nós foi salvo – não por nossa disposição ou esforço, mas pelo poder onipotente da graça soberana, que nos chegou quando não estávamos pedindo ou procurando. Deus nos dá nova vida e nascimento.

O propósito, então, do batismo infantil é mostrar *como* somos salvos: não provar a salvação do infante que é batizado (o batismo com água *nunca* pode fazer isso). O batismo mostra o único caminho da salvação e nos lembra que Deus promete salvar os filhos dos crentes pela mesma graça soberana que salvou seus pais. Quão triste o fato de muitos não terem ou verem esse testemunho no batismo de infantes indefesos.

**Fonte:** *Doctrine according to Godliness*, Ronald Hanko, Reformed Free Publishing Association, p. 267-69.